

## “[...] mas na lua seguinte se tornou a desconcertar [...]”: aspectos paleográficos e sociohistóricos relativos à saúde mental em uma correspondência oficial do século XVIII

“[...] but in the next moon it has become disconcerted [...]”: paleographic and sociohistorical aspects relating to mental health in an official correspondence of the 18<sup>th</sup> century

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42376>

*Norma Suely da Silva Pereira*

Doutora e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É Professora Associada II do Instituto de Letras da UFBA, atuando na Graduação e como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA). Coordena o Grupo de Estudos Escrita e Práticas Culturais – GEEPCult /UFBA.

E-mail: [normasuelypereira@yahoo.com.br](mailto:normasuelypereira@yahoo.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4249-2042>

*Carla Carolina Ferreira Gomes Querino*

Mestranda na linha de Linguística Histórica, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA), bolsista FAPESB. É Licenciada em Letras Vernáculas pela UFBA e Bacharel em Enfermagem pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Integrante do Grupo de Estudos Escrita e Práticas Culturais – GEEPCult.

E-mail: [carolinaquerino@hotmail.com](mailto:carolinaquerino@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9468-8648>

*Rose Mary Souza de Souza*

Bacharel em Língua Estrangeira Moderna, inglês (UFBA), pesquisadora voluntária do Grupo de Estudos Escrita e Práticas Culturais – GEEPCult.

E-mail: [rosemsouza@gmail.com](mailto:rosemsouza@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0005-3738>

## RESUMO

Na perspectiva dos estudos filológicos, o artigo apresenta uma edição semidiplomática de um manuscrito da Bahia colonial e analisa seus aspectos paleográficos e sócio-históricos relativos à saúde mental. Trata-se de um ofício do século XVIII, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, no qual o Vice-rei do Estado do Brasil, 10º Conde de Attouguia, registra o processo de adoecimento psíquico de um agente público da Coroa portuguesa e o seu consequente internamento. Discute-se sobre a importância da correta decifração e transcrição do texto, para o que se faz necessário, tanto o conhecimento do seu contexto de produção e circulação, como a utilização de um referencial transdisciplinar que dê conta da leitura e interpretação da fonte selecionada. No desenvolvimento do estudo, utilizou-se um referencial teórico-metodológico transdisciplinar que integrou a Filologia, a Paleografia, a História cultural, a Terminologia e a Socioterminologia. Para o desenvolvimento da edição, parte-se de um conjunto de normas previamente definidas e explicitadas ao leitor, visando produzir uma edição confiável, que possa se prestar a outros estudos, a exemplo dos linguísticos, literários e históricos. O estudo além de discutir algumas das características da escrita colonial, confirma o caráter estigmatizante que a doença mental já possuía naquele período, evidenciando práticas excludentes, violentas e preconceituosas, revelando a origem de questões sociais e sanitárias que vigoram até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Paleografia. Filologia. Saúde mental. Terminologia. Manuscrito colonial.

## ABSTRACT

From the perspective of philological studies, the article presents a semidiplomatic edition of a manuscript from colonial Bahia and analyzes its paleographic and socio-historical aspects related to mental health. It is an eighteenth-century official correspondence, belonging to the archives of the Overseas Historical Archive of Lisbon, in which the Viceroy of the State of Brazil, 10th Count of Attouguia, records the process of the mental illness of a public agent of the Portuguese Crown and consequent hospitalization. It discusses the importance of correct deciphering and transcribing the text, for which it is necessary, both the knowledge of its context of production and circulation, as well as the use of a transdisciplinary framework that accounts for the reading and interpretation of the

selected source. In the development of the study, a transdisciplinary theoretical-methodological framework was used that integrated Philology, Palaeography, Cultural History, Terminology and Sociotherminology. For the development of the edition, it starts from a set of norms previously defined and explained to the reader, aiming to produce a reliable edition, which can be used for other studies, such as linguistic, literary and historical. The study, in addition to discussing some of the characteristics of colonial writing, confirms the stigmatizing character that mental illness already had at that time, showing exclusionary, violent and prejudiced practices, revealing the origin of social and health issues that are still in effect today.

**Keywords:** Palaeography. Philology. Mental health. Terminology. Colonial manuscript.

## Introdução

Na dispersão da América portuguesa, a assistência à saúde era muito precária. Os poucos médicos formados que havia, chamados licenciados, não davam conta de amparar toda a população, distribuída, muitas vezes, por áreas muito longínquas. Mesmo nas vilas e províncias mais adiantadas, o socorro técnico especializado não chegava a todos, ficando a população, na prática, sob a assistência de leigos e práticos, entre os quais atuavam barbeiros, parteiras, religiosos e curandeiros. Em se tratando da saúde mental, a situação era ainda mais grave, pois, como assinala Miranda-Sá Jr (2007), não havia especialistas em psiquiatria por aqui naquela época. Até o século XVIII, pessoas consideradas diferentes, ou alienadas, que era um termo da época, bem como pessoas desvalidas, vivendo em situação de rua, eram muitas vezes confinadas em conventos ou asilos, e nos poucos hospitais que havia em algumas províncias, a exemplo das Santas Casas de Misericórdia. É em tal contexto que se situa o documento selecionado para o presente estudo: um ofício manuscrito, datado do século XVIII, em que se descreve um quadro de doença mental de que fora acometido um agente público da coroa portuguesa, que atuava na Bahia, na esfera da justiça, o qual fora por isso recolhido em um Hospício de religiosos.

O ofício, conforme definem Freire (2013) e Bellotto (2002), é um documento de caráter oficial, não diplomático, utilizado pelo serviço público com o objetivo de informar algo entre os subalternos e as autoridades. Nesse caso, a correspondência se faz do Vice-rei, 10º Conde de Attouguia, Sr. Luís Peregrino de Ataíde, para o Senhor Diogo de Mendonça Corte Real, Secretário de Estado da Marinha e dos Negócios Ultramarinos, no reinado de D. José I, de Portugal. O documento selecionado pertencente ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, constitui-se de dois fólios e está disponível em fac-símile, no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Na perspectiva dos estudos filológicos, para a edição de um manuscrito, uma das atribuições principais é a correta decifração e transcrição do texto, para o que se faz necessário, antes de tudo, o conhecimento do contexto de produção e circulação do documento. Para o adequado entendimento das questões presentes em fontes coloniais, faz-se mister lançar mão de uma abordagem de natureza transdisciplinar, a qual favorecerá um adequado entendimento dos conteúdos registrados nos documentos. Assim, para a leitura e interpretação da fonte selecionada, utilizou-se um referencial teórico-metodológico que integrou a Filologia, a Paleografia, a História cultural, a Terminologia e a Socioterminologia. Para o desenvolvimento da edição, parte-se de um conjunto de normas previamente definidas, as quais são disponibilizadas ao leitor, visando produzir uma edição confiável, que possa se prestar a outros estudos, a exemplo dos linguísticos, literários e históricos. Assim, para a realização do estudo, preparou-se uma edição semidiplomática, de forma a apresentar ao leitor uma

transcrição conservadora do documento, a qual é acompanhada dos fac-símiles, da análise paleográfica e sócio-histórica, além de verbetes terminológicos, que buscam ampliar a compreensão acerca de questões relativas à saúde mental no período, observando, o uso e sentidos de determinados termos na perspectiva linguística da interação social (FAULSTICH, 1995), para compreender as relações entre práticas sociais, religiosas e sanitárias do passado, que ainda repercutem no presente.

## 1. Aspectos sóciohistóricos da saúde mental

Rafael De Tilio (2007), ao discutir a questão dos direitos civis e penais das pessoas com transtornos psiquiátricos, traça um breve histórico dos conceitos por que passou a doença mental, em suas várias manifestações, na tradição ocidental, que nos ajuda a compreender o contexto em que se produziu o documento selecionado para o presente estudo. Inicialmente a loucura é entendida como processo mítico, relacionada a castigos divinos, como o entendiam os gregos na Antiguidade, e que depois de Hipócrates passou a ser relacionado aos humores do organismo humano e ao clima ou meio ambiente. Em outro momento, a loucura e suas várias manifestações são atribuídas a ataques de maus espíritos, daí a denominação de endemoniados ou possessos, com que eram então tratados os doentes, que tinham como principal tratamento os exorcismos e outros rituais. Tal compreensão, muito presente na Idade Média, perdurou até o século XVII, quando novo paradigma se estabelece, fruto do avanço do pensamento racionalista.

Conforme descreve Foucault (1978), com o desaparecimento da epidemia de Lepra a partir de fins da Idade Média, as suntuosas construções dedicadas a promover a segregação dos leprosos do restante da sociedade se tornam grandes desertos. Desde fins do século XIV tais edificações e as rendas que lhes eram destinadas passam a ser remanejadas em toda a Europa, transferindo-se para hospitais de outra natureza. Não por acaso, como assinala o eminente filósofo e historiador, grande parte dessas estruturas foram destinadas, a partir do século XVI para o abrigo de pessoas acometidas por outras patologias estigmatizantes, como as de transmissão por via sexual, como a sífilis e outras doenças chamadas venéreas e posteriormente para a segregação de loucos, presidiários e desvalidos que viviam em situação de rua. São novas formas de lepra social, indivíduos que deviam permanecer à margem, excluídos do convívio em sociedade. Tudo sob a chancela da Igreja, que prega a submissão que levará à salvação espiritual.

Embora tivessem a segregação social como fator comum, as doenças estigmatizantes acima citadas, diferiam, contudo, quanto ao cuidado com que foram tratadas: enquanto para as doenças sexualmente transmissíveis a medicina houvesse prontamente se colocado em ação, à procura de terapêuticas eficazes, o mesmo interesse não despertara a lepra, nem os eventos de alienação mental.

Aquelas pessoas que antes haviam sido escorraçadas das cidades, agora deveriam apenas ser retiradas do convívio social e para isso eram depositadas em instituições de saúde ou religiosas para isolamento e segregação (FOUCAULT, 1978). Associadas a causas espirituais ou morais relacionadas ao pecado, a lepra e a doença mental conferiam aos doentes a qualidade de impuros, estigma que autorizava o confinamento e mesmo o desprezo da sociedade. Por se tratar de doenças atribuídas como punições divinas, o tratamento a ser instituído era também de base espiritual: confissões, orações e exorcismos, além de peregrinações, castigos físicos e confinamento eram as medidas adotadas (FOUCAULT, 1978; DE TILIO, 2007).

A partir do século XVII, já sob a ótica do pensamento racionalista, muitos asilos vão ser erguidos com o fim de recolher, de retirar das ruas loucos, pobres e criminosos, com o objetivo de realizar uma limpeza das áreas urbanas.

## 2. Aspectos da edição

A edição realizada teve como objetivo preservar as características linguísticas do documento, optando-se, assim, pela edição semidiplomática, buscando-se manter a maior parte das características da grafia, realizando, quando necessário, algumas conjecturas e o desenvolvimento das abreviaturas, deixando claro, nas normas de transcrição, tudo o que foi modificado, garantindo a confiabilidade da transcrição e da edição.

O *corpus* selecionado é cópia de um ofício, datado do século XVIII, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, o qual foi catalogado pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco e encontra-se disponibilizado em meio digital, no site da Biblioteca Nacional. Escrito em suporte papel e lido por meio de uma reprodução fac-similar, o manuscrito aparenta estado regular de conservação.

No campo das Humanidades Digitais a digitalização de textos manuscritos cumpre o importante objetivo torná-los acessíveis e facilitar a leitura, transcrição e edição dos documentos, formando uma rede de informações interativas, além de minimizar os efeitos do manuseio excessivo, o que coloca em risco a integridade do manuscrito. Contudo, essa tecnologia limita a possibilidade de análises mais precisas referentes a aspectos da escrita e do suporte, pois a fotografia nem sempre permite, por exemplo, verificar as dimensões do suporte, a identificação de certas marcas de deterioração, características do papel e da tinta utilizados, marcas d'água, manchas e estado de conservação do suporte (SILVA, 2019; LOSE e TELLES, 2017).

O documento é constituído de dois fólios não numerados, escritos no recto e verso, totalizando 79 linhas de mancha escrita, lançada em coluna única, alinhada às margens esquerda e direita. O

manuscrito faz menção ao quadro de doença mental de que fora acometido o desembargador Diogo Vieira de Sousa, que em vista disso fora compulsoriamente recolhido ao Hospício dos Religiosos Agostinhos Descalços. O documento traz ainda anexado dois relatórios médicos atestando a doença que de que fora vítima o referido desembargador.

Dentre os aspectos formais do gênero ofício observados no documento, utilizados para legitimar atos legais, destacam-se o vocativo “*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*”, iniciando o protocolo, no f. 1r., bem como aspectos do escatocolo ou protocolo final tais como, o local e data, “*Bahia 17 de Junho de 1753*”, e a saudação final, “*Deos guarde a Vossa Excelencia*”, bem como a assinatura e a indicação do cargo da autoridade que emite a comunicação, “*Vice-rei Conde de Attouguia*” (OFÍCIO, 1753, f.2r, L.21-22).

Para a edição semidiplomática, como se disse, tomaram-se por base normas editoriais conservadoras para transcrição de documentos manuscritos, seguindo a proposta de Toledo Neto (2020), a saber: a) O texto foi reproduzido linha a linha, as quais foram numeradas e contadas a partir da primeira linha do texto, tendo sido informadas de 5 em 5 à margem esquerda; b) Os números dos fólhos foram identificados à margem superior, à esquerda e em itálico; c) Foram conservadas a grafia original, o uso de maiúsculas e minúsculas, bem como a pontuação, a acentuação e, quando ocorreu, a ausência de fronteira entre palavras, bem como a sublinha na data; d) A separação silábica no final das linhas foi reproduzida com o sinal gráfico “-”; e) No caso dos reclusos, a ocorrência no final de cada fólho foi sinalizado entre duas barras verticais “| |”; f) Os alógrafos<sup>1</sup> foram modernizados segundo o alfabeto atual, como por exemplo, o <h> semelhante a um <ε> e o <h> foram transcritos como <h>, assim como o <s> caudado, <ſ>, e o <s> curto foram transcritos como <s>; g) Foi mantido, conforme se observa no fac-símile, o sinal de nasalidade na última letra do ditongo nasal “aõ”, a exemplo de *relação* (f. 1r, L.3); h) As letras geminadas foram mantidas conforme o documento, atualizando-se, como se disse, a grafia do <ſ>, quando ocorre; i) As abreviaturas foram desdobradas, com adição da parte suprimida em itálico; e, j) quando necessário, foram acrescentadas notas explicativas ao pé de página.

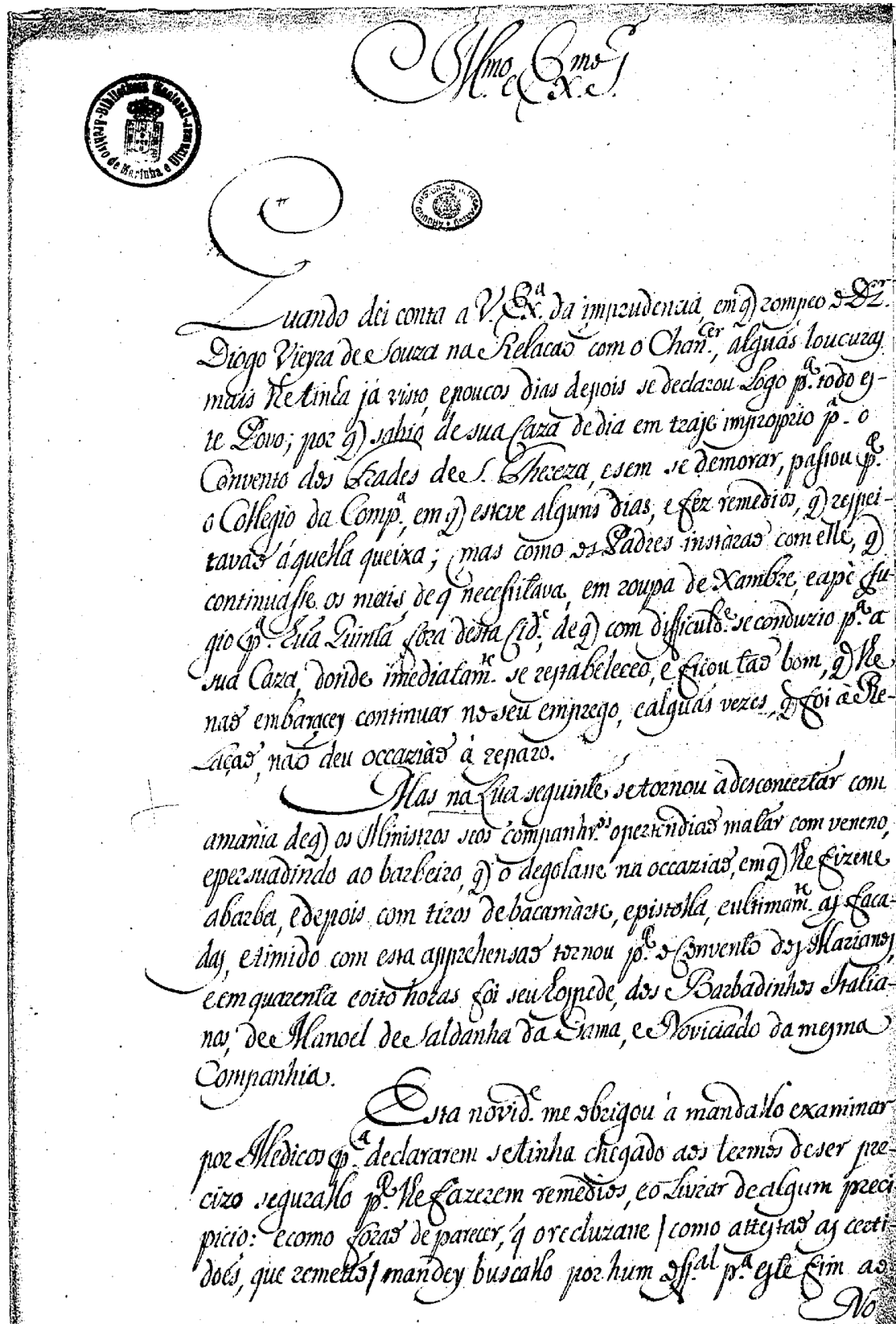
---

<sup>1</sup>Alógrafo: Variante contextual da forma de um grafema; diferentes tipos de grafia de uma letra, por exemplo (DUARTE, L. F. Glossário de Crítica Textual. Universidade Nova de Lisboa, 2007).



## 2.1 Edição fac-similar

Figura 1 – OFÍCIO do Vice-rei, Conde de Attouguia, 1753, f.1r



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino – AHU. Conselho Ultramarino,  
 Brasil – Baía, 1753, cx. 5, doc. 686-688.



## 2.2 Edição semidiplomática

[f. 1r]

*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

Quando dei conta a *Vossa Excelencia* da imprudencia, em *que* rompeo o *Dezembargador* Diogo Vieyra deSouza na Relaçãõ com o *Chanceler*, algũas loucuras mais lhetinha já visto, epoucos dias depois se declarou logo *para* todo este Povo; por *que* sahio desuacaza de dia em traje improprio *para* o Convento dos Frades de *Santa Thereza*, esem se demorar, passou *para* o Collegio da *Companhia*, em *que* esteve alguns dias, e fez remédios, *que* respeitavaõ áquella queixa; mas como os *Padres* instaraõ com elle, *que* continuasse os mais de *que* necessitava, em roupa de xambre<sup>2</sup>, eapé fugio *para* huã Quinta fora desta cidade, de *que* com *dificuldade* se conduzio *para* a sua Caza, donde imediatamente se restabeleceo, e ficou taõ bom, *quelhe* naõ embaraçey continuar no seu emprego, ealguãs vezes, *que* foi à Relaçãõ, naõ deu occasiaõ á reparo.

Mas naluaseguinte setornou à desconcertar com  
 15 amania de *que* os *Ministros* seos *companheiros* o pertendiaõ matar com veneno, epersuadindo ao barbeiro, *que* o degolasse na occasiaõ, em *que* lhe fizesse a barba, e depois com tiros debacamarte<sup>3</sup>, epistolla, eultimamente as facadas, etimido com esta apprehensãõ tornou *para* oconvento dos *Marianos*, eem quarenta e oito horas foi seuhospede, dos *Barbadinhos*<sup>4</sup> *Italianos*, de *Manoel deSaldanha daGama*, e *Noviciado* da mesma *Companhia*.

Esta novidade me obrigou á mandallo examinar por *Medicos* *para* declararem setinha chegado aos termos deser precizo segurallo *para* lhefazerem remédios, e o livrar dealgum precizicio: ecomo foraõ de parecer, *que* o recluzasse | como atestaõ as certidoõs, que remetto | mandey buscallo por hum *official* *para* estefim ao

[No] [reclamo]<sup>5</sup>

[f. 1v]

Noviciado, por duvidarem os *Padres* deterem-no alli com prizaõ; porèm já o acháraõ fora em caza dehum homem de negocio, donde o tiraraõ com o engano de *que* eu lhe queria fallar; estando já a essetempo prevenido o necessário *para* acura, eassistencia no *Hospicio*<sup>6</sup> de *Santo Augustinho*.

<sup>2</sup> **Roupa de xambre:** (*chambre*): *s.m.* [Do Fr. *chambre*] 1. Roupão caseiro para homem ou mulher; 2. Veste comprida e com mangas com que se cobre o corpo todo antes de sair da câmara, composto (BLUTEAU, 1728. p. 373; FIGUEIREDO, 1913. p. 420).

<sup>3</sup> **Bacamarte:** *s.f.* Arma de fogo, curta de boca muito larga, também chamada de cravina (BLUTEAU, 1728, v. 2, p. 7).

<sup>4</sup> **Barbadinhos Italianos:** Segundo Faria (1981 [1979]), o nome destes religiosos causou confusão, pois havia muitos Capuchos, a quem o povo, com a tendência de usar o diminutivo como expressão de carinho, chamava Capuchinhos. A princípio, designavam esses frades estrangeiros com o nome de Capuchos franceses, italianos ou espanhóis. Como todos usavam barba, chamaram-nos Capuchos barbados, Barbóneos e, finalmente, Barbadinhos conhecidos em Portugal entre os séculos XVII e XIX.

<sup>5</sup> **Reclamos:** são palavras ou parte delas que podem ser escritas no final da última linha do texto. A mesma palavra é repetida no início da primeira linha do fólio seguinte, indicando, desta forma, a sequência correta dos fólhos (DIAS, 2007).

- 5 Veyo sem grande repugnância todas as ruas, *que* se encami-  
nhavaõ *para* estePalacio; mas sendo preciso na ultima mudar caminho  
*para* o ditoHospicio, não o poderaõ persuadir a isso, sem *que* viesse primeiro  
fallarme, e ofez com tal concerto, *que* me obrigou a differir por entaõ a  
resolução, *que* tinha tomado, suppondo *que* a differença, *que* não esperava, nas-  
10 cia deter passado já o mayor vigor daLua.
- Esteve emsua caza dous dias semfazer, nem  
dizer couza reparavel; no fim delles mebuscou, ese demorou comigo  
mais de hũa hora e discorrendo em diferentes matérias lhe não ouvi  
desacerto; mas logo *que* sahio ofez; por *que* foi buscar oArcebispo  
15 *para que* lhe desse ordens, eo nomeasse seuMinistro, por *que* não deter-  
minava tornar àRelaçãõ ecom elle se demorou nesta pertensaõ huns  
dias; porém recezo de *que* lhe fizessem alguns remédios, á *que* o dito Arcebispo  
o persuadio, se recolheu *para* a sua caza ; etendo eu esta noticia, o man-  
davalevar *para* o dito Hospicio, mas foi a tempo *que* elle tinha sahido, e  
20 desaparecido da Cidade, por *que* mandandofazer toda a diligencia pelo desco-  
brir, se não achou.
- Dozedias depois em distancia demais dequin-  
zelegoas se descobrio emhum Engenho, tendo andado no decurso des-  
te tempo escondido na mayor parte dos *que* há nesteReconcavo.
- 25 Fica seguro no referido Hospicio dosReligiosos Au-  
gos-| [reclamo]

[f. 2r]

- gostinhos Descalços, tomando os remédios, *que* os Medicos lhe ordenaõ,  
easeos bens, eordenados, lhe nomeou aMeza doDezembargo doPaço  
destaRelaçãõ por administrador oDezembargadorOuvidor geral docivel, *para que*  
no cazo dese lhe restituir asaude, ou Deos dispuzer delle, possa haver  
5 clareza necessaria do *que* tinha, e do *que* se dispendeu.
- Mas como a queixa | ainda quando consiga me-  
lhora nella | não hé das *que* cedem empouco tempo, ecom mayor ra-  
zaõ em Clima taõ ardente, como o doBrazil, considero difficul-  
tozo, *que* elletorne â estado depoderservir o seulugar, principal-  
10 mente naBahia, ondetodos os seos moradores foraõ testemunhas das repetidas  
doudices, *que* temfeito; porque infalivellmente reputarãm por taes aquelas  
accoês *que* pozitivamente onaõ forem.
- Como porèm a resolução principal, *que* sede veto-  
mar com esteMinistro naõhé permittida á minha jurisdicãm sem  
15 primeiro fazer prezente áSuaMagestade o estado, em *que* ellefica, oparticipo  
aVossaExcelencia, *para que* informando ao mesmoSenhor detudo o *que* tem socce-  
dido, me ordene o *que* mais devo executar. E no cazo deoman-  
dar recolher áesseReino não possodeixar de dizer aVossaExcelencia, *que* el-  
lehtëaõ pobre, *que* não tem com *que* pagar a passagem, e*que* essa  
20 *para* mayorsegurança a devefazer emNáo deGuerra.

<sup>6</sup> Hospicio: *s.m.* [Do Lat. *hospitium*] Espécie de convento pequeno de alguma família (ordem) religiosa, em que se agasalham os hóspedes da mesma religião (BLUTEAU, 1728, v. 4, p.64). No período, como se vê no registro documental, os conventos são locais de reclusão de pessoas por causas diversas. Posteriormente, conforme registra Figueiredo (1913, p. 1030) o nome Hospício passa a denominar estabelecimento em que se recolhem loucos ou doentes, mediante retribuição ou não.

Deos guarde a Vossa Excelencia Bahia 17 de Junho de 1753.  
Conde de Attouguia

Senhor Diogo de Mendonça Corte Real

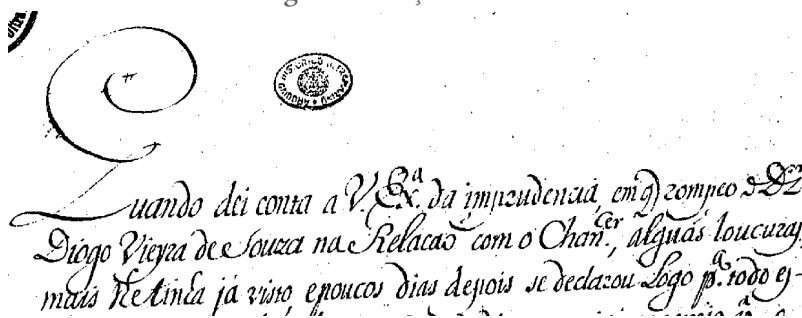
[f. 2v]

Respondida  
Bahia 17. de Julho de 1753  
Do Conde Vice Rey do Estado do Brazil

### 3. Aspectos paleográficos

Os aspectos paleográficos relativos à escrita manuscrita do passado, representam, em sua maioria, grandes empecilhos para a leitura e a transcrição de documentos manuscritos. Dentre os maiores problemas para a decifração da escrita de manuscritos coloniais, podem-se citar as manchas no suporte, o peso da tina sob a pena, a inabilidade do *scriptor*, a frequente ausência de fronteira entre palavras, a presença de ligaduras, o traçado de alguns grafemas, a exemplo do <d>, <h>, <l> e do <r>, que, em geral, apresentam muitos alógrafos e o emprego frequente de abreviaturas, que eram próprias do período, utilizadas para alcançar a economia de espaço no suporte, da tinta e do tempo de escrita, ou, muitas vezes, por uma simples questão de estilo (FACHIN; COSTA, 2015; FLEXOR, 2008).

Figura 4 - Traçado das letras



Fonte: OFÍCIO do Vice-rei, Conde de Attouguia. AHU. Conselho Ultramarino, Brasil – Baía, 1753, cx. 5, doc. 686-688, f. 1r. L. 2-4.









Transcrição:

Quando dei conta a Vossa Excelencia da imprudência, em que rompeo o Desembargador / Diogo Vieyra de Souza na Relação com o Chanceler, alguã loucuras / mais lhetinha já visto, epoucos dias depois se declarou logo para todo es- [...].

Elaboração das autoras.

A escrita apresentada no documento é do tipo cursiva, com traçado regular, homogêneo e grafemas levemente inclinados à direita. Ocorre o emprego de maiúsculas elegantes e as letras com grandes hastes ascendentes e descendentes, as quais não apresentam dificuldades à leitura, conforme ilustrado abaixo:

Quadro 1 – Maiúsculas elegantes

LETRA	IMAGEM	LINHA	LETRA	IMAGEM	LINHA
B		f <sup>o</sup> 1v, L. 25	M		f <sup>o</sup> 2r, L. 1
D		f <sup>o</sup> 1r, L. 3	P		f <sup>o</sup> 1r, L. 5
E		f <sup>o</sup> 1r, L. 22	Q		f <sup>o</sup> 1r, L. 2
I		f <sup>o</sup> 1r, L. 1	R		f <sup>o</sup> 1v, L. 24

Fonte: Elaboração das autoras.

Quanto aos grafemas minúsculos, observou-se o uso de diferentes formas para uma mesma letra, constituindo alógrafos. De acordo com Maia (1986), há no sistema grafemático alguns casos de polifonia de grafemas, destacando-se nesse caso as minúsculas <d>, <h>, <l>, <r> e <s>, como apresentado no quadro abaixo.

O grafema <d>, por vezes, apresenta sua haste formada por uma linha reta ou levemente inclinada para a esquerda, aproximando-se de um arco. Nas diferentes formas para a mesma letra, o grafema <h> pode causar dúvidas durante a leitura por conter um alógrafo que pode assemelhar-se com um <E> maiúsculo (MEGALE; TOLEDO NETO, 2006).

Quanto ao grafema <l>, pode-se observar que ele ocorre tanto em letras iniciais quando mediais nas palavras, assemelhando-se muitas vezes com o <L> maiúsculo. O grafema <r>, devido à sua semelhança com o numeral 2, era conhecido como *dois de conta* e, muitas vezes, ocasionando dúvidas com o <R> maiúsculo (FACHIN; COSTA, 2015).

O grafema <s> é o que mais possui variantes no manuscrito sob análise. Megale e Toledo Neto (2006) assinalam que, é necessário diferenciar o <s> curto do <f> caudado, também chamado de longo. Percebeu-se durante a leitura e transcrição do documento que em palavras com o <s> geminado, <ss>, o primeiro é longo e o segundo é curto.

Quadro 2 – Traçado dos grafemas <d>, <h>, <l>, <r> e <s>

<d>					
	dias	depois	declarou	remédios	
<h>					
	hãa	homem	tinha	hum	
<l>					
	logo	restabeleceo	lua	aquelas	
<r>					
	recolheu	traje	resolução	maior	
<s>					
	visto	dias	continuasse	Arcebispo	loucuras

Fonte: Elaboração das autoras.

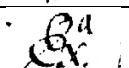
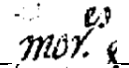

### 3.1 Abreviaturas

O sistema abreviativo não possui padrão estabelecido no período em questão e apresenta, por vezes, irregularidades quanto ao método de reduzir as palavras, visto que a mesma abreviatura pode ser utilizada para representar diferentes palavras, configurando a polissemia como em “S.” que, a depender do contexto, pode representar “Sua” ou “Santa”; e, de formas diversas de abreviaturas para uma mesma palavra, no mesmo documento, entendida por parassinonímia. Nesse sentido, integrando todos os contextos das práticas da escrita, o desenvolvimento das abreviaturas, independente do suporte, decorre principalmente da habilidade e do conhecimento do filólogo no processo editorial (SOBRAL, 2021; FLEXOR, 2008).

No corpus em questão, foram decifradas e desenvolvidas 117 abreviaturas, das quais 61 por letras sobrepostas, muito comuns no período, 47 por suspensão ou apócope, 8 por sigla e 1 por contração, das quais oferecem-se alguns exemplos a seguir.

As abreviaturas por letras sobrepostas são os tipos mais expressivos no documento e consistem em se colocar uma letra ou sílaba final em expoente na palavra que se quer abreviar.

Quadro 3 – Exemplos de abreviaturas por letras sobrepostas


IMAGEM	IDENTIFICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DESENVOLVIMENTO
	Arceb <sup>o</sup>	f.º 1v, L. 17	Arcebispo
	Chan <sup>cer</sup>	f.º 1r, L. 3	Chanceler
	Cid <sup>e</sup>	f.º 1r, L. 10	Cidade
	Comp <sup>a</sup>	f.º 1r, L. 7	Companhia
	Dz <sup>r</sup>	f.º 1r, L. 2	Dezembargador
	difficult <sup>e</sup>	f.º 1r, L. 10	dificuldade
	dilig <sup>ca</sup>	f.º 1v, L.20	diligencia
	Ex <sup>a</sup>	f.º 1r, L. 2	Excelencia
	Ex <sup>mo</sup>	f.º 1r, L. 1	Excelentissimo
	Ill <sup>mo</sup>	f.º 1r, L. 1	Illustrissimo
	jurisd <sup>cam</sup>	f.º 2r, L. 14	jurisdicam
	mor <sup>es</sup>	f.º 2r, L. 10	moradores
	off <sup>al</sup>	f.º 1r, L. 26	official
	Ouv <sup>r</sup>	f.º 2r, L. 3	Ouvidor
	prim <sup>o</sup>	f.º 1v, L. 7	primeiro
	S <sup>r</sup>	f.º 1r, L. 1	Senhor

Fonte: Elaboração das autoras.

A abreviatura por suspensão ou apócope forma-se a partir da supressão das letras finais do vocábulo, deixando a palavra inacabada.





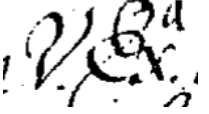
Quadro 4 – Exemplo de abreviatura por suspensão

IMAGEM	IDENTIFICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DESENVOLVIMENTO
	- q	f.º 1r, L. 2, 5, 7 (2x), 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16 (2x), 25; f.º 1v, L. 3, 5, 7, 8, 9 (3x), 14 (2x), 15, 17 (2x), 19, 20, 24; f.º 2r, L. 1, 3, 5, 9, 11, 13, 15, 16 (2x), 17, 18, 19 (3x),	<i>que</i>

Fonte: Elaboração das autoras.

A sigla, considerada como o processo mais antigo de abreviação, consiste em representar a palavra com a letra inicial, seguida de um ponto (FLEXOR, 2008; MEGALE; TOLEDO NETO, 2005; SPINA, 1977). Contudo, entendemos que para classificar uma abreviatura como sigla, e não como suspensão, é preciso haver um contexto específico como nos exemplos abaixo, em que o primeiro elemento de uma abreviatura complexa é uma sigla:


Quadro 5 – Exemplos de abreviaturas complexas

IMAGEM	IDENTIFICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DESENVOLVIMENTO
	S. mg <sup>e</sup>	f.º 2r, L. 15	<b>Sua</b> magestade
	S.	f.º 1r, L. 6	<b>Santa</b> Thereza
	V. Ex <sup>a</sup>	f.º 1r, L. 2	<b>Vossa</b> Excelencia

Fonte: Elaboração das autoras.

Por fim, a abreviatura por contração, pouco frequente no período, que consiste em suprimir as letras mediais do vocábulo, conforme exemplificado no quadro abaixo:

Quadro 6 – Exemplo de abreviatura por contração

IMAGEM	IDENTIFICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DESENVOLVIMENTO
	D's.	f.º 2r, L. 4	<b>Deus</b>

Fonte: Elaboração das autoras.

#### 4. Abordagem terminológica

Textos escritos em tempos pretéritos, como o apresentado neste estudo, podem estar relacionados a mais de uma área do conhecimento. Este fato pode ser observado por meio da identificação e decifração de termos que estão vinculados a uma área de especialidade, fazendo-se assim necessária, nesse caso, uma abordagem relacionada à Terminologia, com vistas a esclarecer o texto, possibilitando sua adequada leitura e interpretação. Essa é uma área dos estudos do léxico cujo campo de estudo é estabelecido a partir da metade do século XX. Termo polissêmico, a palavra terminologia pode ser entendida como o estudo do conjunto de termos relacionados à uma área técnico-científica, como a designação da disciplina que estuda esses termos, ou pode referir-se ao próprio termo (KRIEGER; FINATTO, 2019).

Cabré (2010, p.365) define a terminologia como “[...] conjunto del léxico de las especialidades [...]”. Krieger e Finatto (2019), corroborando com a definição apresentada, dizem que as terminologias são representativas de conhecimentos especializados. Krieger e Maciel (2001) relacionam, ainda, o uso de terminologias a uma profissão. O léxico especializado tem como função, portanto, fixar e fazer circular o conhecimento técnico-científico, possibilitando a comunicação entre os pares, fato que possibilitou a ascensão da Terminologia a uma área científica delimitada, assumindo um papel de padronização nas linguagens técnicas e de facilitação da comunicação especializada (KRIEGER; FINATTO, 2019).

O manuscrito analisado neste estudo, possui uma série de termos vinculados a áreas específicas do conhecimento, das quais foram selecionados para breve análise, aqueles vinculados à área de saúde, mais especificamente à saúde mental, uma vez que a leitura do documento permite observar o adoecimento psíquico de um agente público da Coroa portuguesa, que resultou em sua internação. Para melhor compreensão da percepção da doença mental descrita no texto e que reflete a percepção da saúde mental no período colonial, examina-se o registro contido no ofício do Vice-rei do Estado do Brasil, Conde de Attouguia, dirigido ao Secretário de Estado da Coroa portuguesa, sobre o comportamento algo desequilibrado de um desembargador, o que é inicialmente definido como uma “imprudência” (OFÍCIO, 1753, f.1r, L.2). Conforme denunciado pelo emissor, a ocorrência de várias “loucuras” (OFÍCIO, 1753, f.1r, L.3) termina por ser entendida como uma suspeita de insanidade mental.

Para investigação desse contexto, empreendeu-se uma apreciação terminológica de viés diacrônico, ancorada na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cujos postulados que vêm sendo estabelecidos por Maria Teresa Cabré desde 1999. De acordo com tais princípios, retomados por Almeida (2006) selecionaram-se unidades terminológicas que fazem referência ao campo nocional

da doença mental, as quais foram organizadas em verbetes contendo a entrada, como ocorre no documento, seguida de sua classificação gramatical, flexão de gênero, para os substantivos e de transitividade no caso dos verbos, etimologia, definições de acordo com dicionários sincrônicos, observando a situação comunicativa e abonação, com o contexto extraído do manuscrito editado.

Como já discutido anteriormente, os interlocutores da comunicação em foco não são pessoas com formação na área da saúde e, além disso, na época em que o documento foi produzido, a saúde mental ainda não estava estabelecida como área de especialidade. Desse modo selecionaram-se alguns termos que guardam relação com o imaginário relativo à saúde mental no período, compreendendo-se que o emissor parte do seu conhecimento de mundo para caracterizar o quadro de desequilíbrio mental de que suspeita, a partir dos recursos lexicais da língua comum. Para maior esclarecimento do contexto de saúde mental e das práticas de saúde pública da época acrescentam-se dois verbetes com termos especializados, retirados de dois relatórios médicos anexos ao documento principal.

Os primeiros desequilíbrios, como se disse, são definidos como imprudência, mas que já vinham despertando cuidado pela sua frequência. Contudo, o caso parece ter tomado gravidade quando o agente da Coroa passa a ser visto na rua em trajes impróprios, como seja, por exemplo, “a roupa de xambre” (OFÍCIO, 1753, f.1r, L.9), ou seja, vestindo um roupão que é próprio para utilizar-se dentro de casa para transitar entre o quarto e outro cômodo qualquer. O caso passa assim a ser público, ficando escandalizado:

- **Imprudência** – *s.f.* [Do lat. *Imprudencia*] Falta de prudência, de consideração e precaução para as consequências (BLUTEAU, 1728, v.4, p. 80).
- **Loucuras** – *s.f.* Falta ou privação de juízo (BLUTEAU, 1728, v.5, p. 187).

“Quando dei conta a *Vossa Excelencia* da **imprudência**, em que rompeo o *Dezembargador/* Diogo Vieyra deSouza na Relação com o Chanceler, algũas **loucuras/** mais lhetinha já visto [...]” (OFÍCIO, 1753, flr, L.2-4);

Passado esse primeiro momento, após uma tentativa de internação no convento dos frades de Santa Thereza o desembargador parecia restabelecido, até que “na lua seguinte se tornou à desconcertar” (OFÍCIO, 1753, f.1r, L.14), apresentando mania de perseguição e procurando abrigo em instituições religiosas:

- **Desconcertar** – *v.t.* [contrário de consertar, do Lat. *consertare*] Tirar do seu lugar, da ordem (BLUTEAU, 1728, v.3, p.110).

- **Mania:** *s.f.* [Do Lat. *mania*] 1. Delírio furioso com ira e atrevimento, mas sem frio nem febre; 2. Perturbação das faculdades intelectuais; 3. Entre as principais causas estão o temperamento nervoso, as profissões que exigem um grande esforço do espírito, cujos sintomas podem ser a percepção de visões e vozes (BLUTEAU, 1728, p.294; CHERNOVIZ, 1890, p. 331);

“Mas naluaseguinte setornou à **desconcertar** com/**amania** deque os Ministros seos companheiros o pertendiaõ matar com veneno, [...]” (OFÍCIO, 1753, f.1 r, L.15).

A partir desse momento, o Vice-rei considerou a possibilidade de mandar examiná-lo, para verificar a necessidade de reclusão para medicação, o que foi confirmado pelos médicos, sendo necessário enganá-lo para tentar encaminhá-lo ao Hospício de Santo Agostinho, o que afinal não conseguiram naquele momento, tendo o mesmo continuado a apresentar “doudices” (OFÍCIO, 1753, f.2 r, L.11) que são do conhecimento público.

- **Doudices** (doidice): *s.f.* 1. Falta de juízo causada por extinção da memória; (BLUTEAU, 1728, v. 3 p. 297).

“[...] considero difficul-/ tozo, que elletorne â estado depoderservir o seulugar, principal-/mente naBahia, ondetodos os seos moradores foraõ testemunhas das repetidas/**doudices**, que temffeito; [...]” (OFÍCIO, 1753, f.2 r, L.8 - 11).

A consulta aos dois relatórios médicos anexos ao ofício indica o diagnóstico a que chegaram os dois médicos quanto à patologia de que sofria o citado desembargador, a qual se define por termos complexos e subjetivos: “delírio melancolico ou melanco/lia Eypocondriaca” (RELATÓRIO 2 1753, f1r, L.4-5).

- **Melancholia Eypocondriaca:** *de Melancholia s.f.* [Do Gr. *melankholia*] Delírio com grande tristeza, mas sem febre (BLUTEAU, 1728, v. 5, p. 404); Tristeza, desgosto. Variedade de alienação mental (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 395) + *Eypocondria: adj.* [Do lat. cient. *hypochondria*, do gr. *hypokhondría, as*]. (Hypocondria) – Moléstia caracterizada por uma preocupação constante, inquieta, sem motivo, ou exagerada, às vezes delirante, pela própria saúde (CHERNOVIZ, 1890, v. p. 183).

“[...] Diogo Vieyra deSousa seacha com hũa melancholia/ Eypocondriaca; motivo porque deve ser mettido em re-/ clusaõ, para assim seevitar algum excesso que possa obrar, [...]” (RELATÓRIO 1, 1753, f1r, L.3-5);

- **Delírio melancholico:** de *Delírio s.m.* [Do Lat. *delirium*] Perturbação intelectual produzida por doença, exaltação, excesso de sentimento + *Melancholico: s.f.* [Do Gr. *melankholia*] Delírio com grande tristeza, mas sem febre (BLUTEAU, 1728, v. 5, p. 404); Tristeza, desgosto. Variedade de alienação mental (CHERNOVIZ, 1890, v.2, p. 395).

“[...] os primeiros dois insultos de hũ delírio melancholico ou melanco-/lia Eypocondriaca; se acha actualmente padecendo o treceiro, [...]” (RELATÓRIO 2, 1753, f1r, l.4-5)

Os termos acima destacados indicam que o diagnóstico médico, ainda impreciso, é bastante subjetivo: o desembargador foi acometido de uma profunda tristeza, que o deixava em estado de preocupação constante, momentos de delírio em que o paciente poderia apresentar-se mais agressivo. Esses comportamentos culminaram com o afastamento do desembargador das suas funções e posterior internamento.

## Considerações finais

Os estudos filológicos, paleográficos e linguísticos desenvolvidos possibilitam conhecer algumas das particularidades da escrita no século XVIII, como o uso frequente de abreviaturas por letras sobrepostas, deixando entrever o contexto social e cultural da época, permitindo estabelecer comparações com acontecimentos atuais, tanto no que tange ao aspecto linguístico, como no sócio-histórico.

A leitura e interpretação do documento selecionado demonstra a importância do conhecimento do léxico para uma adequada decifração da fonte manuscrita, sobretudo quando se trata de léxico especializado, como é o caso dos termos do campo nocional da saúde, que podem evidenciar importantes aspectos do seu contexto de produção e circulação da fonte, facultando o entendimento de acontecimentos e práticas de outrora, cuja análise ajuda a elucidar questões por vezes mal compreendidas do presente.

A construção dos verbetes a partir dos termos selecionados confirmou o lugar estigmatizado e pouco esclarecido que a doença mental ocupava no período colonial. Nesse período, como não havia muitos profissionais especializados na área da saúde, na América portuguesa, os cuidados costumavam

ser prestados por práticos, curandeiros e religiosos, como foi o caso do desembargador, que ao manifestar os primeiros sinais de doença mental, foi recolhido a uma instituição religiosa para que fosse tratado, ou ainda para manter-se afastado do convívio social, evitando o escândalo que uma doença estigmatizante causaria, preservado assim o *status* social do doente, de sua família e da administração pública.

Desse modo, a investigação dos usos correntes no período por falantes da época contribuiu para ampliar o conhecimento da escrita, bem como acerca dos vários papéis da Igreja no período colonial, revelando como as práticas relativas à saúde pública podiam ser preconceituosas, violentas e castradoras dos direitos. Mesmo sem ter esgotado as possibilidades de análise do documento, acredita-se ter demonstrado a importância dos estudos filológicos para lançar luz sobre temas tão importantes, mas ainda pouco discutidos, evidenciando o papel político da Filologia e das demais ciências necessárias para uma adequada leitura das fontes manuscritas e consequente conhecimento do passado.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. *Alfa*, São Paulo, 50 (2): 85-101, 2006. Disponível em: <[periódicos.fclar.unesp.br](http://periódicos.fclar.unesp.br)>.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. 120p.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- CABRÉ, M. T. Norma y normas em terminologia: concepto, tipologia y justificación. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 365-396.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias...** 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.
- DE TÍLIO, Rafael. “A querela dos direitos”: loucos, doentes mentais e portadores de transtornos e sofrimentos mentais. **Paidéia, Ribeirão Preto**, 17, p. 195-206, ago. 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2007000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2007000200004&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 8 mar. 2021.
- DIAS, Elizangela Nivardo. A interessante estrutura e organização dos livros manuscritos. In: **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 10-11, 2007.
- DUARTE, L. F. **Glossário de Crítica Textual**. Universidade Nova de Lisboa. 2007. Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2021.
- FACHIN, Phablo R. M.; COSTA, Renata Ferreira. A escrita no século XVIII. In: MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. de A.; FACHIN, P. R. M. (Org.). **Por rumos da agulha: documentos do ouro do século XVIII**. São Carlos, SP: Editora Cubo, Série Diacrônica, v. 7, 2015. 34p.
- FARIA, F. L. Os capuchinhos em Portugal e no ultramar português. Comunicação de 29/06/1979. In: Academia Portuguesa de História. **Separata dos Anais da Academia Portuguesa da História**. 2.ed. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1981, v.27.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Revista Ciência da Informação**. Brasília: MCT/CNPq/IBICT, v. 24, n. 3, p. 281-287. set-dez. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/566>>.
- FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Liv. Clássica Ed., 1913.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 2008. 602 p.

- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FREIRE, Josenildo Barbosa. Descrição da tradição discursiva ofícios do século XX do Rio Grande do Norte. **Revista e-escrita**: Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, RJ, v.4, número 2, Especial, 2013.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- KRIEGER, M. da G.; MACIEL, A. M. B. (Org.). **Temas em Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade: UFRGS: Humanitas: USP, 2001.
- LOSE, Alícia; TELLES, Célia. Qual edição e o que editar. **Revista a Cor das Letras**. Feira de Santana - BA, v. 18, n. 2, p. 271-293, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index>>. Acesso em 13 nov. 2021.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do galego português**: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida. A escrita do século XVII. In: MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. de A. (Org.). **Por minha letra e sinal**: documentos do ouro do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. p. 114-126.
- MIRANDA-SÁ JR, Luiz Salvador de. Breve histórico da psiquiatria no Brasil: do período colonial à atualidade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 29(2), p. 156-158, 2007. Editorial. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n2/v29n2a05.pdf>>. Acesso em 11 mar. 2021.
- OFÍCIO do Vice-rei, Conde de Attouguia sobre a alienação mental e recolhimento no Hospício dos Religiosos Agostinhos Descalços do desembargador Diogo Vieira de Sousa. AHU. Conselho Ultramarino, Brasil – Baía, cx. 5, 1753, doc. 686-688. Disponível em [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_CA/2137](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_CA/2137)>. Acesso em 2 mar. 2021.
- RELATÓRIO 1 Dr. Francisco de Sá Coutinho. anexado ao Ofício do Vice-rei, Conde de Attouguia. AHU. Conselho Ultramarino, Brasil – Baía, cx. 5, 1753, doc. 686-688. Disponível em [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_CA/2137](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_CA/2137)>. Acesso em 2 mar. 2021.
- RELATÓRIO 2 Dr. Luiz José de Chaves, médico assistente da cidade da Bahia, anexado ao Ofício do Vice-rei, Conde de Attouguia. AHU. Conselho Ultramarino, Brasil – Baía, cx. 5, 1753, doc. 686-688. Disponível em [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_CA/2137](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_CA/2137)>. Acesso em 2 mar. 2021.
- SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam. **Machado de Assis em linha**. São Paulo, v.12, n. 26, p. 125-160, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/xNM4j8cNMFRyXLxmQrWQthx/>



[?format=pdf&lang=pt>](#). Acesso em: 13 nov. 2021.

SOBRAL, Maria das Graças. **Abreviaturas**: performances da escrita, glossário séculos XVI, XVIII e XIX. São Paulo: Blucher, 2021. 76p.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977. 71 p.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para os textos manuscritos do passado. **Travessias interativas**. São Cristovão (SE), n. 20, v. 10, 2020. p. 192-208.